

ENTREVISTA

Esta edição da InCantare nos levou à leitura de trabalhos que retrataram ações diferenciadas em situações também diversificadas, não só da prática musicoterapêutica, mas também do pensar sobre a sonoridade e os espaços sob a perspectiva da arte. Nos pareceu oportuno, já que subliminarmente os textos nos colocaram em locais físicos variados, pensar no mercado de trabalho do profissional cujo trabalho envolve música, pessoas, saúde e espaços formados por essa conjugação. Com esse intuito, convidamos a musicoterapeuta **Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves** (CPMT 197/07 PR) para uma conversa sobre o tema. A seguir, na entrevista, Camila contextualiza sua trajetória de vida musical e profissional, para depois oferecer aos leitores sua visão sobre a inserção do trabalho musicoterapêutico no mercado de trabalho.

InCantare: Poderia dar alguns dados sobre sua história de vida musical?

Camila: Sou curitibana, meus pais vieram do interior do Paraná. Passei minha infância em São José dos Pinhais, onde comecei a estudar teclado aos 6 anos de idade, em uma escola de música na mesma quadra da minha casa. Filha única, na época, eu acordava cedo demais e minha mãe pensou que a música seria uma atividade de lazer, realmente para passar o tempo. Meu pai me levava para ver a Orquestra Sinfônica do Paraná, pois ganhávamos ingressos pela escola de música. Notívago, acordar pela manhã aos domingos era muito difícil para ele. Assim mesmo, chegávamos ao Teatro Guaíra às 10h30 para a Orquestra. O tempo passou e a música segue minha companheira, tanto em meu tempo livre quanto no ocupado por trabalho. Sempre gostei de escutar música, de tocar, de inventar músicas, improvisar, de cantar. Eu cantava muito na adolescência, quando também comecei a tocar flauta doce, primeiramente sem nenhuma instrução. Talvez porque eu explorasse tanto os timbres do teclado quando pequena, eu me interessei por tocar vários instrumentos, e tive a sorte de aprender alguns deles: flauta doce, piano, violoncelo, canto, e estudo flauta transversa há 3 anos. Como já escutei de muitos musicoterapeutas no Canadá, atender também me faz uma melhor musicista:

tenho que aprender uma música muito mais rápido, tenho que simplificar para que o paciente toque junto, tenho que acelerar, repetir um tema mas variar um pouco, escutar uma música e acompanhar em questão de segundos... Ser musicoterapeuta requer um trabalho profundo sobre nós mesmos/as e nossa musicalidade: que ótimo, assim podemos nos desenvolver para colaborarmos com o desenvolvimento dos outros!

InCantare: O que a levou a ingressar na graduação?

Camila: Fui estudar Musicoterapia porque eu queria “ajudar as pessoas”. E acreditava que, com a música, não haveria como não conseguir ajudá-las. Durante o curso, percebi que essa crença não se aplicava, pois desde o primeiro ano eu ouvia sobre intervenções contraindicadas ou não bem sucedidas. Nos estágios, compreendi o quanto poderíamos fazer escolhas de intervenções a partir da leitura que temos de cada pessoa atendida, e me surpreendi sobre o quanto o musical de alguém poderia ser tão coerente com sua personalidade, seus potenciais e conflitos, quanto surpreendente, revelando saídas possíveis e transformações na relação e no processo musicoterapêutico. Eu também cursei Pedagogia na UFPR enquanto fazia Musicoterapia. Durante as aulas da UFPR, eu sentia falta da música da cantina ou dos corredores da FAP, hoje UNESPAR. Mas acredito que a Pedagogia me trouxe um olhar fundamental em relação às políticas públicas e à nossa ação política no mundo—não necessariamente partidária, mas coerente com nossos princípios de vida, ser humano e sociedade. Eu me formei Musicoterapeuta pela FAP em 2005, colando grau em fevereiro de 2006.

InCantare: Continuou a buscar o acesso ao conhecimento com outros cursos após finalizar as graduações?

Camila: Depois de me formar, não parei muito de estudar. Há muito para estudar em nossa área! Fiz a formação no Modelo Benenzon, concluindo em 2010, também cursos introdutórios sobre Musicoterapia Neurológica, e concluí meu mestrado em Artes Terapias Criativas – Musicoterapia pela Universidade Concórdia em Montreal, em 2013. Voltando ao Brasil, estudo a Abordagem Plurimodal e já fiz outros cursos de nossa área.

InCantare: Quanto tempo você tem de atividade profissional?

Camila: Trabalho há 10 anos como musicoterapeuta. Gosto de trabalhar em instituições interdisciplinares, e com profissionais também com essa abertura. Todas as instituições são marcantes e nos trazem muitos aprendizados, e alguns lugares onde trabalhei contribuíram significativamente para meu desenvolvimento profissional. Foi o caso da Associação Serpiá, com crianças e adolescentes na área de saúde mental, e o Centro Hospitalar de Reabilitação Ana Carolina Moura Xavier, na área de neuroreabilitação. Depois de meu mestrado, passei a atender em consultório, também. Atendo crianças e adolescentes com desafios em seu desenvolvimento, na região central da cidade. Desde 2010, passei também a contribuir com o desenvolvimento da profissão participando ativamente da diretoria das entidades de classe da Musicoterapia. Fui vice-presidente da AMT-PR (Associação de Musicoterapia do Paraná), participei do secretariado geral da UBAM (União Brasileira das Associações de Musicoterapia), de reuniões do CLAM (Comitê Latino-americano de Musicoterapia), e hoje estou na diretoria da UBAM e da AMT-PR. É um trabalho voluntário, como de tantos/as outros/as colegas, cujo retorno é ver a profissão se desenvolver cada vez mais e melhor, contribuindo para a qualidade de vida de muitas pessoas nos mais variados contextos.

InCantare: Quais as contribuições mais importantes de sua formação acadêmica para o desenvolvimento da prática profissional, na sua visão?

Camila: Para mim, a leitura do que se passa num atendimento em termos musicoterapêuticos é fundamental, e há uma multiplicidade de maneiras de ler o que ocorre, de acordo com os modelos e abordagens, para assim realizar intervenções de acordo com a necessidade de cada um. É também muito importante que o profissional fundamente sua prática, por isso o conhecimento e a escolha consciente de uma abordagem são necessários. Na formação, tanto na graduação quanto no mestrado, aprendi que há aspectos contra-transferenciais que emergem, independente de nossa

vontade, e que precisamos cuidar deles com supervisão e terapia, para que possamos garantir o bem-estar do outro e o nosso. Esse é um aprendizado importante para quem, como eu, deseja longevidade como musicoterapeuta.

InCantare: Você avalia que houve alguma alteração no mercado de trabalho desde o início de sua carreira até o momento atual?

Camila: Sim, houve. Graças a muitos esforços de musicoterapeutas que voluntariamente militam e militaram nas associações de musicoterapia dos estados, regiões e do país, dos que contribuem para a pesquisa em musicoterapia, e dos que trabalham de maneira colaborativa com e/ou na comunidade de musicoterapeutas, a profissão é mais reconhecida do que há 10 anos atrás, em meu primeiro ano de formada. Há mais ofertas de emprego e mais cobranças, também. Com esse reconhecimento, tem sido possível haver equipes de musicoterapeutas, e não somente um/a profissional em instituições. Considero um grande avanço, uma oportunidade de dialogar e de se especializar com nossos pares, em nossa comunidade profissional no cotidiano de nosso trabalho.

InCantare: Como você considera e comenta o mercado de trabalho do profissional musicoterapeuta?

Camila: Há mais demanda do que imaginamos. A musicoterapia não é a profissão do futuro, é a profissão do presente, e um presente de profissão. O que é essencial para esse/a profissional é a pro-atividade aliada à atuação ética, ao autocuidado e à colaboração com a classe de musicoterapeutas. Precisamos explicar como trabalhamos, pois cada um tem uma relação com a música, com seus modos de fazer música, e traça uma fantasia do que seja a Musicoterapia. E a especialização do profissional em áreas de atuação e populações é muito importante, pois a atualização em técnicas e pesquisa é fundamental para oferecermos nosso melhor e o que de melhor nossa área traz para cada caso e contexto.

InCantare: Existe alguma inferência ética no mercado que você gostaria de comentar? Caso sim, por favor, discorra sobre ela.

Camila: Temos discutido há anos na diretoria e departamentos da AMT-PR sobre a veiculação de imagens e áudios de atendimentos por musicoterapeutas em redes sociais. Considero a necessidade de dialogarmos entre todos os associados, pois, além de ferir a privacidade do atendido (seja consentida ou não) e a confidencialidade do atendimento, o material fica fora de contexto. Em outros momentos, em trabalhos comunitários, pode ser o caso a veiculação da produção musical, se os/as usuários/as tiverem ganhos com isso, mais do que riscos. Em qualquer desses momentos, a discussão, a reflexão supervisionada e com consulta ao conselho de ética devem ser o curso de ação.

InCantare: Poderia falar sobre as facilidades encontradas no desenvolver da profissão?

Camila: A Musicoterapia é um campo muito vasto e fértil, o qual nos permite um desenvolvimento também enquanto pessoas, se assim escolhermos. Nenhum atendimento é igual ao outro, por isso os dias de trabalho são diversos e repletos de surpresas na música e na relação com quem atendemos. Tenho amigos e amigas musicoterapeutas, com quem também posso tocar e fazer música. Um enorme privilégio!

InCantare: E as dificuldades?

Camila: Para mim, há dificuldades na inserção da Musicoterapia na sociedade para que todos tenham acesso a esse trabalho, e também dificuldades no processamento de tudo o que ocorre nos atendimentos pelo/a profissional. Em relação à primeira delas, temos conquistado muito, mas ainda há muito o que fazer. Infelizmente, o sistema em que vivemos está pautado numa lógica diferenciada da lógica do bem-estar, de favorecer o desenvolvimento de todo o ser humano, de valorizar as artes, a saúde e as culturas. Para sobrevivermos ao sistema da lógica do capital sem necessariamente nos adaptarmos a

ele, é importante muita organização e muita união em nossa comunidade. Por mais que pessoas se considerem “apolíticas”, isso não é possível. Um esforço em dialogar e em planejar é crucial para que a divulgação do que fazemos seja assertiva, para que os projetos que escrevemos sejam executados, para que a atuação do/a musicoterapeuta seja também um instrumento de transformação social. Além disso, por vezes pode ser difícil processarmos o residual de cada atendimento. Precisamos de ajuda e apoio para isso, também. Do contrário, podemos ter uma sensação de que não fizemos o suficiente, ou de que o campo não é bom para nós. Acredito que, com o apoio da comunidade e o autocuidado, podemos canalizar essa energia para nós mesmos/as, para nosso campo, para quem atendemos, para a comunidade. Tem horas em que precisamos de perspectiva: muitos musicoterapeutas trabalharam e trabalham arduamente para que a Musicoterapia seja possível. Ao sermos gratos, nos juntamos ao grupo e damos o nosso melhor para a Musicoterapia a cada dia, apesar do sistema social excludente em que vivemos e de nossas próprias imperfeições.

InCantare: Deixe uma mensagem para as pessoas que estão começando a trilhar os caminhos profissionais de musicoterapeuta:

Camila: Sejam bem-vindos/as à comunidade de musicoterapeutas no Brasil e no mundo! Agora você tem também direito a um número de registro como profissional, e a participar do desenvolvimento da Musicoterapia com a sua prática, sua pesquisa, sua musicalidade terapêutica, seu engajamento dentro e fora do setting. Espero que você compreenda o valor em ser musicoterapeuta, que colabore nesse privilégio em trabalhar com a musicalidade e os desafios confiados a você, e que essa profissão lhe permita se desenvolver também enquanto ser humano.